

PUC-Campinas investe na excelência e internacionalização de suas atividades

Manuel Alves Filho
manu.alvesfilho@uol.com.br

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) registrou importantes avanços nas áreas de ensino, pesquisa e extensão em 2023. Os programas e projetos implantados ou elaborados no período contribuirão para que a instituição esteja preparada para continuar trilhando o caminho em busca pela excelência, condição indispensável para que consiga superar os desafios impostos pelo futuro. A análise é do reitor da universidade, Germano Rigacci Júnior. Na última semana, o dirigente, que é mestre em Filosofia e doutor em Educação, visitou o Correio Popular, onde foi recebido pelo presidente-executivo do jornal, Ítalo Hamilton Barioni, e concedeu a entrevista que segue. Na oportunidade, o reitor falou sobre educação, ciência e tecnologia, internacionalização, relação com o setor produtivo e acerca do compromisso da PUC-Campinas com as camadas mais vulneráveis da população, como os moradores de rua.

Final de ano sempre é época de se fazer balanços. Nesse sentido, gostaria que o senhor fizesse uma avaliação de como foi 2023 para a PUC-Campinas.

O ano de 2023 foi importante para a universidade, porque nós avançamos em diversos aspectos. Primeiro, é importante destacar que nós tivemos um desempenho muito bom nas avaliações externas, tanto em âmbito nacional quanto internacional. Em relação à avaliação institucional, feita pelo Ministério da Educação, que ocorre a cada dez anos, nós ficamos na faixa 5, que é o maior índice. Esse é um dado importante para toda a comunidade universitária. Nós também tivemos um desempenho acima do alcançado no ano anterior, tanto no QS Internacional quanto no QS Latin America. E também tivemos uma colocação importante no ranking na Times Higher Education. Nas últimas avaliações da revista nossa instituição não havia aparecido. Tudo isso é muito significativo para a universidade e mostra a importância do trabalho que vem sendo feito.

Quanto a outras avaliações nacionais?

Fomos bem avaliados no ranking do Estado (Guia da Faculdade do jornal O Estado de São Paulo) e também no RUF (Ranking Universitário Folha, organizado pelo jornal Folha de S. Paulo), no qual aparecemos entre as melhores universidades privadas do Brasil. Para a universidade, isso é algo marcante.

A universidade também executou diversos projetos ao longo do ano, não?

Sim, avançamos em relação a alguns projetos internos, que começam a ser instalados. O programa Mescla, por exemplo, já apresenta resultados significativos. Contamos com oito startups criadas por nossos alunos. Isso é resultado de ações internas, como os programas MOTIV.SÉ e CRIA. Essas empresas já estão em fase de aceleração. Também fizemos parcerias com outras empresas, na perspectiva de levar inovação para além das dependências da universidade. Estabelecemos uma parceria muito interessante com o CPQD e com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, por meio da qual apresentamos uma proposta conjunta de residência tecnológica. Fomos selecionados e o programa já começou a ser implementado no primeiro semestre deste ano. A segunda fase já está em andamento. Nós começamos outra parceria que vai permitir que inauguramos um espaço de IoT junto com um grupo de empresas que atuam na área. O espaço servirá para o desenvolvimento de pesquisa, para formação de recursos humanos e para a busca de soluções inovadoras nessa área. No começo do ano que vem, vamos inaugurar um laboratório de inteligência artificial. E vamos iniciar uma parceria com a Escola de Negócios da Universidade Nova de Lisboa. Vamos desenvolver pesquisas cooperadas nas áreas de ciências de dados e inteligência artificial. A Escola de Negócios é uma das melhores do gênero na Europa. Ela tem atuado junto à Prefeitura de Lisboa no Planejamento Urbano. A ideia é que essa parceria permita que possamos gerar conhecimento que facilite o emprego da ciência de dados tanto pelo setor público quanto pela iniciativa privada.

A questão tecnológica vai merecer cada vez mais atenção por parte da instituição, não?

Sim, no começo de 2024 vamos inaugurar o Espaço Manacás, que permitirá a inserção tecnológica para formação de professores em novas metodologias ativas e também o emprego de tecnologias e desenvolvimento de conteúdos digitais que facilitem o aprendizado de disciplinas de forma, digamos, mais amigável. A ideia é investigar como nós podemos ensinar Física e Matemática usando, por exemplo, o metaverso. Tudo isso relacionado à educação básica. Mas nós também vamos usar isso em relação à qualificação de nossos professores.

Em que estágio está o processo de internacionalização da universidade?

Essa parceria com a Universidade Nova de Lisboa dá início a uma nova fase da internacionalização da PUC-Campinas. Além disso,



Germano Rigacci Júnior à frente dos retratos de Papa Francisco (à esquerda) e Dom João Inácio Müller, arcebispo metropolitano de Campinas e grão-chanceler da universidade

ENTREVISTA

Rigacci destaca parcerias para internacionalização da PUC-Campinas

Reitor da universidade revela que interesse é ampliar cooperação com instituições de ensino de cinco continentes



Em visita ao Correio Popular, reitor da PUC-Campinas avaliou os novos cursos e discorreu sobre projetos de ensino e pesquisa

nós temos ampliado o trânsito de professores e estudantes com instituições estrangeiras. Nós avançamos este ano em relação ao COIL (Programa de Colaboração de Estudos Internacionais). Estamos atuando em parceria com instituições de vários países espalhados por cinco continentes, como Filipinas, Angola, Portugal, Estados Unidos, México, Colômbia, Chile e Argentina. O COIL é interessante porque, em dado momento, estudantes de uma disciplina de um determinado curso não se ligam aos estudantes de curso semelhante de uma universidade estrangeira e a aula acontece em conjunto, via remota. Essa é uma nova estratégia de internacionalização que não requer a mobilidade física. O programa conta com a participação de 500 estudantes.

Trata-se de uma cooperação não apenas com países centrais, mas também com nações da África, Ásia e América do Sul. Qual a

importância desse tipo de relação?

Sim, essas parcerias são importantes. Temos grande interesse, por exemplo, em estabelecer parcerias com outros países africanos, como Angola, Moçambique e Cabo Verde. Esses três países têm língua portuguesa, o que facilita a cooperação. Claro que é importante que nossos estudantes e professores frequentem instituições europeias e norte-americanas, mas nosso interesse é ampliar o escopo. Estamos fazendo um caminho de aproximação com universidades chinesas. Tivemos uma primeira conversa nesse sentido e esperamos avançar com esse objetivo. Temos um projeto interno que denominamos de "Conexão Ásia". Esse projeto já levou à abertura na universidade de um espaço para a divulgação da cultura sul-coreana. É uma iniciativa apoiada pelo consulado daquele país. É o segundo existente em São Paulo. O outro está instalado na USP. Também vamos abrir uma frente de negociação com um grupo de uni-



Estabelecemos uma parceria muito interessante com o CPQD e com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, por meio da qual apresentamos uma proposta conjunta de residência tecnológica. Fomos selecionados e o programa já começou a ser implementado no primeiro semestre deste ano. A segunda fase já está em andamento.

versidades japonesas, de modo a avançar nessa conexão com a Ásia.

Para além do campo acadêmico, como anda o diálogo entre a PUC-Campinas e o setor produtivo?

Estamos trabalhando nos últimos anos com o conceito de governança de triplíce hélice. Nesse conceito, você tem a universidade, o setor produtivo e o setor público. Os três se encontram para identificar interesses comuns. Nessa direção, fizemos uma aproximação do setor produtivo. O programa Mescla nasce desse movimento. A abertura de uma linha dentro do Mescla, que é a pesquisa aplicada, tem permitido desenvolver projetos voltados para as demandas do setor produtivo. A universidade começa a dar passos significativos nessa direção. Nós criamos um conselho de empresários, com 27 integrantes. Na última reunião foram apresentadas sugestões de como melhorar a formação voltada para as demandas produtivas e de como captar recursos para novos projetos. Nessa perspectiva, já começamos a trabalhar dois projetos. Um é oferecer uma disciplina de empreendedorismo em todos os cursos da universidade. O outro segue na linha de fazer a aproximação de alguns eixos de pesquisa da universidade. Vamos apresentar essas duas propostas na reunião agendada para março.

